



BIBLIOTECA MÁRIO DE ANDRADE PROJETO MEMÓRIA ORAL

MARILENA CHAÚÍ

Hoje, 19 de julho de 2006, a Biblioteca Mário de Andrade registra o depoimento da filósofa e ex-secretária de cultura da cidade de São Paulo, no período de 1989 a 1992, professora Marilena Chauí, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. O depoimento integra o Projeto de Memória Oral da Instituição, iniciativa esta que vem sendo desenvolvida com o objetivo de resgatar a sua história de uma forma matizada, através de narrativas orais dos seus mais diferentes protagonistas: funcionários, diretores, colaboradores, pesquisadores, usuários, artistas e intelectuais. Na direção de captação audiovisual deste registro, Sergio Teichner e na condução do depoimento, Lúcia Neíza e Daisy Perelmutter.

Daisy Perelmutter: Bem, professora, nós gostaríamos que a senhora iniciasse o seu depoimento traçando o seu mapa afetivo da cidade de São Paulo, resgatando os lugares que foram marcantes, que foram evocativos na sua infância, na sua juventude, na sua vida universitária.

Marilena Chauí: Sobre São Paulo eu só posso falar a partir da minha juventude, porque eu sou paulistana. Eu nasci em São Paulo, mas eu tinha um ano de idade quando minha família voltou para o interior. Morei numa cidade pequena chamada Pindorama, depois numa um pouquinho maior chamada Catanduva na região de São José do Rio Preto, na região cafeeira, na época. Voltei para São Paulo aos 14 anos e, quando eu voltei, minha família foi morar na Liberdade.

Minha mãe era diretora de grupo escolar. Na época ela era diretora do Grupo Escolar de Vila Jacuí. A Vila Jacuí era onde o mundo acaba. Hoje ela já está no

centro da cidade, a Vila Jacuí. Naquele tempo a minha mãe levantava às cinco da manhã, ia a pé até à Praça Clóvis, tomava um ônibus que levava duas horas. Depois ela era deixada na estrada, subia uma ladeira para chegar até o grupo, era o fim do mundo!

Nós morávamos ali porque meu pai era jornalista, num jornal que se chamava *A Hora*, que tinha sede na Rua Barão de Iguape e nós morávamos ali perto. Eu e meu irmão fomos transferidos para um colégio, na época um dos grandes colégios públicos de São Paulo, que era o Colégio Estadual Presidente Roosevelt, na Rua São Joaquim.

Muitas das minhas lembranças têm como referência a Praça da Sé, a Praça João Mendes, a Praça Clóvis, a Praça da República, o lugar onde havia os cinemas: Avenida Ipiranga, São João, porque meu pai e minha mãe eram fanáticos por cinema e nós íamos ao cinema quase toda noite e... a *Mário de Andrade*.

Eu fiz a quarta série do ginásio e depois, imediatamente, eu fui para o curso clássico, no mesmo colégio. E eu tive professores extraordinários, daquilo que era a escola pública. Aos 14, 15 anos, os professores de História, Geografia, Latim, Português, Grego, Inglês, Francês nos davam pesquisas e nós vínhamos fazer as pesquisas na *Mário*.

Eu tomava o ônibus elétrico na Rua Conselheiro Furtado e descia aqui perto. Eu vinha de manhã para a *Mário de Andrade*, passava a manhã inteira. Daqui eu já ia para o colégio. Muitas vezes, dependendo do que fosse ser feito, eu vinha à noite também. Vinha com as colegas, nós comíamos aqui perto, nas lanchonetes que havia. A *Mário* era, vamos dizer, a referência de um enorme e admirável mundo novo possível, sobretudo para uma adolescente vinda do interior. A descoberta desta Biblioteca, desde a descoberta dela, arquitetonicamente falando, que era de embevecer os olhos... Eu estou falando isso de 1956, 57, quando São Paulo tinha uma escala humana.

Depois eu vim para a USP¹ na Rua Maria Antonia. Então o trajeto era incrível, porque de manhã eu vinha, com o ônibus elétrico, descia aqui perto, vinha para cá, trabalhava até uma hora da tarde, comia um lanche, tomava o bonde e subia de bonde até a Maria Antonia.

¹ USP: Universidade de São Paulo



Então se constituiu pra mim um mapa da cidade em cujo centro estava a Biblioteca Mário de Andrade. Ela era a minha referência cultural, minha referência geográfica, minha referência afetiva. A gente marcava encontro com os namorados aqui. Os grandes momentos de agitação cultural aconteciam aqui.

Meu primeiro contato com o existencialismo foi no saguão da *Mário de Andrade*. O Sérgio Milliet e um bando de jovens, que eram todos existencialistas e explicavam que Deus tinha morrido, tinha sido jogado no Sena. Eu não entendia nada disso, mas eu ficava impressionada. E os acontecimentos políticos...

Eu costumo citar para mim mesma os versos do Mário de Andrade: “São Paulo, comoção da minha vida”, mas eu digo: “São Paulo, *Mário de Andrade*, comoção da minha vida.”. Então ela é uma referência fundamental. Ela era também de uma importância muito grande não só por que ela era o lugar onde a estudantada das escolas públicas do secundário e das universidades estavam, mas por que ela fazia parte também de um cenário cultural.

Você tinha a USP, o Mackenzie, os cinemas de arte, o Oficina, o Arena, portanto o novo teatro, os bares franceses, o Pari Bar, o Barba Azul, os cinemas maiores da referência da Praça da República, a Rua São Luís, que tinha se transformado numa peça de teatro, e a *Mário*. Então ela era um elemento catalisador de tudo que acontecia de inovador e que era objeto de discussão no centro cultural da cidade.

A cidade era pequena, tinha uma escala humana, as pessoas se conheciam e ela possuía um centro, porque hoje... Eu tenho um amigo que descreve a diferença entre a São Paulo anterior e a de hoje dizendo que a São Paulo anterior era um sistema. Você tinha um centro e depois você tinha os bairros, segundo uma divisão das classes sociais, e a periferia. A cidade era toda unificada. Hoje você tem um arquipélago, a cidade é um arquipélago. Cada bairro tem o seu cinema, o seu teatro, o seu shopping, as suas escolas e não há comunicação. A cidade é toda dividida.

Eu me lembro, eu ganhei uma bolsa de estudos em 1967, quando eu defendi o meu mestrado e eu fui para a França – eu voltei no começo de 1969, quando era prefeito de São Paulo, Paulo Maluf – eu descii no Aeroporto de Congonhas e nós entramos numa coisa irreal, que era uma avenida descomunal, que cortava a cidade, a chamada Rubem Berta, 23 de Maio. Mas essa avenida, não contente de



fazer isso, ela ia numa direção e eu descobri que o meu bairro não existia mais, ele era cortado por viadutos. Havia na Rua Conselheiro Furtado, perto da minha casa, um grande teatro. Eu vi peças extraordinárias, era um bosque, com um teatro no centro. Entre 1967 e 1969 o bairro desapareceu, o teatro desapareceu, o bosque desapareceu.

A outra referência era você subir a Consolação, passava pela Igreja da Consolação e ia em direção à Maria Antônia, e eu vi que a gente cortava por um elevado, a Consolação e a Igreja ficou embutida numa passagem. E aí havia o Minhocão e eu me dei conta que tinha surgido uma cidade que você atravessa, na qual você não fica e que não tinha sentido. Talvez para quem tivesse ficado aqui e visto a mudança não fosse tão impressionante, mas para mim, que deixei uma cidade e encontrei outra e essa outra cidade era uma cidade na qual a USP, já com os acontecimentos políticos de 1968, ela já tinha sido expulsa da Maria Antônia, e ela também estava lá na periferia, na Cidade Universitária. Naquele tempo era periferia, era longe de tudo. E os teatros calados, os cinemas de arte vazios. E a *Mário* foi ficando longe, longe... longe de nós todos.

Eu acho muito triste porque, mesmo uma cidade como Nova Iorque, que destrói, ela destrói também muito, isso para não mencionar cidades européias que conservam, mas ela mantém algumas referências fundamentais: a *Public Library* está lá, mesmo; e a Columbia University está lá, mesmo. Você tem algumas referências.

O fato de que a *Mário* ficou sozinha aqui, com essa outra cidade fragmentada que se foi, eu acho uma catástrofe.

DP: Porque a senhora fez parte, justamente, de uma geração que se formou tendo como elo o vínculo com a Biblioteca, então eu gostaria só de voltar um pouquinho, que a senhora resgatasse um pouco este momento, antes deste momento melancólico, quem eram essas pessoas com as quais a senhora dialogava, quem eram os seus interlocutores aqui...

MC: Na verdade os meus principais interlocutores eram os meus próprios colegas. Só depois, quando eu fui para a universidade, aí sim, vários dos meus professores



vinham trabalhar aqui: Bento Prado, Gianotti, Michel De Bran, Gérard Lebrun, Lívio Teixeira. Havia uma hierarquia e uma distância. De longe, a gente se cumprimentava. Nós estudantes ficávamos muito curiosos para saber o que eles estavam lendo e, quando eles saíam, a gente ia lá xeretar sobre a mesa para ver sobre o que eles estavam lendo, sobre o que eles estavam pesquisando... Mas era mais o universo estudantil.

Uma coisa que era muito importante era os cursos que eram dados aqui nesse auditório. Eu assisti dois cursos completos sobre História da Literatura Brasileira. Depois havia leitura de poesias, leituras de contos. Havia uma presença fortíssima da literatura e eu tive dois professores de História da Literatura Brasileira e Portuguesa e de Língua Portuguesa que foram professores extraordinários, depois eles se tornaram professores da USP: professor Dino Pretti e a professora Edith Pimentel. Eles nos faziam vir a cursos e acompanhar toda a produção literária do país e da cidade. Eu tive uma professora de História... Nós tínhamos 14, 15 anos e ela nos fez ler a *História Econômica do Brasil* do Caio Prado. Depois, Caio Prado fez duas conferências aqui e nós viemos ouvir. Eu ouvi Paulo Bonfim lendo poesias dele aqui. Como eu era muito jovem, eu estava no segundo grau, e depois muito retraída diante dos colossos que estavam na universidade, a minha relação era a relação do espectador, de quem à distância absorve todo esse mundo da cultura.

Mas a *Mário* foi para mim a descoberta do mundo da cultura, foi isso o que ela foi. As pessoas que eu encontrei aqui eram aquelas que representavam pra mim a produção cultural no seu ponto mais alto, no seu ponto de excelência. Isso é o que ela era.

Lúcia Neíza: A senhora fez parte do grupo dos “adoradores da Minerva”?

MC: Não, porque é uma geração anterior à minha. Eu sou da geração seguinte.

LN: E nem teve notícia, na época?

MC: Não, na época todo mundo falava, mas eu pertencço à geração seguinte. Eu vim cinco anos depois deles. Eu fui contemporânea da geração dos existencialistas, mas



como eu não entendia direito, eu tinha muito receio, então eu os via de longe. Mas era ali, à volta da Minerva que o existencialismo era discutido.

DP: E quem eram as outras pessoas que, enfim, como a senhora, tinham essa relação mais de espectadores, um pouco sorvendo dessa efervescência toda que a Biblioteca tinha?

MC: Eram aqueles que... alguns deles se tornaram depois colegas meus, também como professores. Eles eram Marcelo Dascal, Raduan Nassar, Maria Helena Mansano, Maria da Glória Silveira, José Carlos Bruni, porque todos os que eu me lembro são posteriores à geração dos “adoradores de Minerva” – o Gabriel Cohn, o José Serra.

DP: A senhora já nos abriu o leque enormemente aqui, em três minutos. A nossa lista, que era uma lista um pouco menor, já se ampliou. Mas o que nos chama a atenção é que foi uma geração, quer dizer, a senhora fez parte de uma, e tantas outras a antecederam, onde esse conhecimento era urdido de uma forma coletiva e que havia muita generosidade por parte, enfim, inclusive por parte de pessoas que já estavam, que já tinham uma formação já mais sólida, no sentido de fazer essa transmissão. Eu gostaria que a senhora falasse um pouco desse debate, da Biblioteca um pouco como esse espaço de fermentação de idéias, como um espaço de troca constante de idéias, de repertório...

MC: Tudo o que acontecia de inovador no campo das artes, do teatro, na literatura, na pintura, no cinema era objeto de discussão, de debate, de troca de opiniões e de idéias no saguão, nas escadas, mas depois aqui, no auditório, porque havia não só os cursos, mas havia debates. Meu primeiro contato com o que estava sendo feito no novo teatro, tanto como o *Rua São Luís*, ou como *Eles não usam Black-Tie* ou *A Semente* foram debates aqui. Depois havia essa coisa muito interessante que você coloca que é o fato de que autores, artistas, professores tinham o prazer não só da discussão, como da transmissão e da orientação. Eles nos indicavam o que ler, o que ver. Você fazia um aprendizado por causa do contato com eles. E essa é uma



experiência na qual a Biblioteca é mais importante do que a universidade, porque a universidade naquela época, pelas características mesmo dela, ela tinha uma dimensão hierárquica muito forte, 1968 vai quebrar tudo isso, mas ela tinha essa dimensão hierárquica forte, que era diminuída e quase esquecida aqui, porque o saguão, a sala de leitura, o auditório nos colocavam todos num mesmo plano de igualdade, embora eu mesma me sentisse muito intimidada. Imagine, você tem uma palestra da Lígia Fagundes Telles: eu ficava na última fileira e quando acabava, depois de aplaudir, eu timidamente ia embora. Ao ouvir o Paulo Bonfim e as poesias eu também fazia a mesma coisa, o que não era a atitude comum e sobretudo não era a atitude dos rapazes. As meninas se sentiam muito mais intimidadas, os rapazes se sentiam mais livres de vir, trocar idéias, conversar e nós tínhamos uma distância maior e eu, sobretudo, porque algumas das minhas colegas, como é o caso da Maria da Glória Silveira, era sobrinha da Helena Silveira, era parente dos Saint Gérard, o pai dela era filósofo, tradutor, o Breno Silveira. Então para ela era um mundo menos distante, o pai dela era muito amigo do Mário Chamie, podia tratar isso com muita familiaridade. Para mim era uma coisa ao mesmo tempo esplendorosa, fulgurante e inatingível.

Então a *Mário* é essa experiência curiosa para mim, da cultura, em que ela é o lugar no qual eu tomo contato com a cultura, é o lugar no qual eu posso ter acesso à cultura e é, ao mesmo, tempo, o lugar onde a cultura aparece como inatingível, a produção da cultura aparece como inatingível. Sobre mim ela teve esse efeito.

DP: E a Filosofia, a decisão pelo o ingressar na faculdade, teve alguma relação com a *Mário*?

MC: Não, aí tem uma relação direta com o meu professor de Filosofia, que marcou a minha geração. Para você ter uma idéia, a nossa classe era uma classe de vinte alunos, desses vinte alunos, dez foram fazer Filosofia. Era o professor João Eduardo Villalobos, uma figura extraordinária. Ele nos fazia vir aqui porque ele dava as aulas, fazia sugestões, falava dos filósofos e a gente tinha que procurar. Ele não dava indicações bibliográficas, ele falava de tal maneira que você tinha que vir e fazer a pesquisa bibliográfica também. Os outros professores davam as indicações e você



vinha para ler os livros indicados, com ele não. Com ele eu tive a primeira experiência de abrir as gavetas e procurar pelas fichas, os assuntos e os autores. Mas era um professor extraordinário. Depois ele se tornou professor de Filosofia no Instituto de Educação da USP. Eu acho uma pena ele ter deixado o segundo grau, o Dino Pretti também, Dona Edith também, Dona Dulce Faria... Mas ele chegou no primeiro dia de aula – fisicamente era um homem belíssimo, era um artista de cinema, e para aquelas meninas de 14, 15 anos, que nunca tinham ido muito além da Praça da República, era um deslumbramento – e ele vinha de motocicleta. Um professor que vinha de jaqueta de couro, de motocicleta, em 1956, 57. Ele tinha um cabelo longo, alourado – meu Deus! – ele era um acontecimento! Ele entrou na sala de aula e começou assim: “Palamedes da escola eleata, Zenão de Eléia diz que Parmênides...”, nós nos entreolhamos e a pergunta foi: que será que é isso? Aí ele prosseguiu, falou de Parmênides de Eléia, “o ser é, o ser não é”, o “Zenão de Eléia”, de que “Aquiles vai concorrer com a tartaruga e a tartaruga ganha, porque Aquiles não pode sair do lugar porque o espaço se divide infinitamente”. Eu perdi o fôlego porque a maior parte das minhas colegas, praticamente todas, se sentiu completamente inibida, completamente perdida e uma parte achou que ele tinha brincado conosco, que aquilo não fazia nenhum sentido, que era uma brincadeira de mau gosto e que depois ele ia começar o curso. Em mim a experiência foi completamente diferente: foi a primeira vez que eu percebi que era possível o pensamento pensar o pensamento e que eu tinha ouvido pela primeira vez o pensamento se pensando a si próprio e falando de si próprio e que a linguagem era capaz de falar da própria linguagem. Foi como se eu tivesse nascido outra vez. Então isso me levou para a Filosofia, foi um amor à primeira vista e decisivo. Eu fiquei embevecida. Eu não sei se fosse um homem menos extraordinário fisicamente, que abalasse as nossas convicções, porque ele chegava de jaqueta de couro, em cima de uma motocicleta, e se ele não tivesse começado desse jeito “Palamedes da escola eleata, Zenão de Eléia...”, talvez um professor mais convencional, não sei se ele teria produzido esse choque em mim e teria produzido esse resultado. É possível que não. Então eu atribuo mesmo, diretamente, a minha ida à Filosofia ao professor João Villalobos.



DP: E, professora, na universidade, quando a senhora estava na universidade, a senhora sentiu esse mesmo..., não diria *frisson*, mas essa mesma efervescência...

MC: Sem dúvida, sim. Em cada curso, com cada professor, era sempre um susto e a sensação que eu tive, quando eu terminei a graduação... As nossas pesquisas, nós fazíamos todas aqui.

DP: E isso se manteve, mesmo durante o período em que a senhora esteve cursando a graduação?

MC: Sim, sem dúvida.

DP: E o acervo era um acervo que contemplava?

MC: É impressionante porque os professores davam a bibliografia, a biblioteca de Filosofia era mínima, não tinha quase nada, a de Ciências Sociais também, era muito pequena, mas nós vínhamos aqui e tinha toda a bibliografia, tudo, em todas as línguas em que ela era dada. Era uma bibliografia em várias línguas, de autores os mais diversificados, desde os mais antigos até os mais contemporâneos, tinha tudo. Eu me não lembro nunca de ter procurado, para os meus diferentes cursos na USP, ter procurado um livro que não houvesse aqui. Então, ela era uma biblioteca completa, em dia com o mundo cultural, uma coisa impressionante.

LN: A senhora me permite uma pergunta? O público era mais composto pelos estudantes ou a população em geral costumava freqüentar a *Mário de Andrade*?

MC: Não. Ela era fundamentalmente de estudantes; secundaristas, pouco, mas das grandes escolas públicas secundárias, porque os professores faziam a gente pesquisar. Estudantes universitários, professores, cientistas e artistas, essa era, vamos dizer, a... esse era o grupo, o núcleo duro dos freqüentadores da *Mário*. Isso não quer dizer que a população do entorno não viesse, mas você tem que lembrar que a população do entorno na época era uma população muito peculiar, porque era



a alta burguesia da Rua São Luís, de Higienópolis, então era uma população também acostumada com a cultura. Vinham muitos jornalistas aqui.

LN: E as cabines de pesquisa funcionavam?

MC: Todas elas. Você tinha as cabines de pesquisa para os grandes pesquisadores. Era um negócio sério, tanto que, quando eu me tornei secretária e vim aqui eu disse: “eu quero aquela *Mário de Andrade*, ela tem que ser isso”.

LN: A senhora lutou quatro anos pela Biblioteca, sem descanso.

MC: O significado que ela tem na história dessa cidade, na história científica, na história artística, na história das ciências humanas, ela tem um peso decisivo. Foi ela que permitiu a uma universidade como a USP, ter os professores e os pesquisadores que teve, porque nós não tínhamos recurso. Então tudo se passava aqui.

DP: E neste período que a senhora esteve fora, quando a senhora esteve na França, a senhora identifica como sendo um período onde houve o início, o embrião deste esvaziamento?

MC: Foi, porque, quando eu voltei, foi o instante no qual... eu voltei em 1969, portanto...

LN: A senhora pegou a revolução estudantil lá...

MC: Isso. Eu cheguei no segundo momento. Eu peguei o Ato Institucional nº 5. Então a Faculdade, o que tinha restado dela aqui, tinha sido deslocado para a Cidade Universitária. Lá nós estávamos com os policiais do DOPS² dentro das salas de aulas e nas salas dos professores. Você nunca sabia se você ia voltar para casa, você não sabia se você viria no dia seguinte. Você via os alunos desaparecendo, os

² DOPS: Departamento de Ordem Política e Social



colegas desaparecendo. Nós vivíamos num estado de pavor e de temor incessante. A cidade tinha se transformado nessas vias expressas: era a 23 de Maio, o Minhocão, não sei mais que era, ela era irreconhecível. E no isolamento político e cultural em que nós ficamos e todos ficaram, a *Mário* também. Ela viveu esse encolhimento e esse silêncio e esse terror. O que aconteceu foi que as políticas universitárias mudaram e entre outras coisas surgiram as grandes bibliotecas universitárias.

LN: Exato. Nós estávamos comentando antes que houve um esvaziamento das bibliotecas públicas por conta dessas exigências do MEC³ e que, realmente, levaram os estudantes universitários para as próprias bibliotecas das próprias universidades.

MC: É. O que é uma pena porque nada substitui o contato real que você tem com a sua cidade quando você vai da sua casa à biblioteca e da universidade à biblioteca. Meus filhos, que já não pertencem ao mundo no qual existia um centro da cidade e a Biblioteca, meus filhos vieram conhecer o centro da cidade adultos, e vieram à *Mário de Andrade* quando fui secretária de Cultura. Eles nunca tinham vindo aqui. Então é uma perda, é uma perda política, uma perda cultural, porque a biblioteca pública de uma cidade, a grande biblioteca pública de uma cidade, estejam as universidades onde estiverem, os teatros onde estiverem, os cinemas onde estiverem, ela, como tal, é um referencial. Então ela não pode ser destruída, perdida porque há uma multiplicação de referências. Ela é uma referência imutável, imperdível, inapagável. É um crime não fazer com que a *Mário de Andrade* possa retomar esse lugar que a *Public Library* tem em Nova Iorque, que a Nacional tem em Paris.

DP: A senhora acha que então elas não rivalizam, quer dizer, com as bibliotecas universitárias, elas têm naturezas distintas, mesmo que a biblioteca pública tenha um perfil de pesquisa e de preservação, ela tem uma especificidade que não colide com...?

³ MEC: Ministério da Educação



MC: Não colide. Ela tem um acervo que uma biblioteca universitária jamais terá. E eu não só estou me referindo a coisas muito específicas ou contemporâneas, mas ela tem um acervo de obras raras, um acervo pictórico, um acervo de mapas, um acervo de jornais, um acervo de microfilmes e de microfichas e uma história que nenhuma biblioteca universitária jamais terá.

DP: Por que ela é mais focada?

MC: É, é isso.

DP: Então, agora que a gente já migrou, fez esse intervalo, esse ato de quanto?, quase trinta, não, vinte dois, vinte e três anos, do momento em que a senhora se afastou e retornou, já como secretária, então a gente vai entrar um pouco nesta outra experiência, esta outra vivência que a senhora teve com a *Mário de Andrade* do ponto de vista da administradora. Então eu gostaria... a gente vai estimulá-la a lembrar, enfim, dada a riqueza de ações, de intervenções, de reflexões sobre a instituição e sobre a cidade como um todo, sobre a política cultural da cidade, queria que primeiro a senhora resgatasse um pouco como foi a sua chegada, qual foi o impacto dessa chegada, um pouco o que a senhora já sinalizou quando retomou essa sua vivência com a *Mário*.

MC: Quando eu fui indicada pela Luiza Erundina para ser secretária da Cultura, primeiro eu procurei a prefeita e disse: “Olha, eu não posso, eu não devo e eu não quero. Eu não posso porque eu sou analfabeta. Não posso. Não sei nada do mundo da cultura. Não posso. Eu não devo porque eu não tenho a menor idéia do que seja o mundo administrativo. Eu vou ser um desastre. Vai ser uma gafe atrás da outra. Vai ser um horror. Eu não devo! E eu não quero. Quero ficar lá dando as minhas aulas”. Mas como a Luiza Erundina é quem ela é, eu acabei me tornando a secretária. Ela acabou me explicando por que eu podia, por que eu devia e por que eu queria. Então eu vim, mas então eu disse, desde as minhas primeiras declarações que eu havia dito que a minha prioridade seriam as bibliotecas. É por aí que eu acho que eu posso ter um norte para pensar um projeto de cultura para a



cidade, porque eu pensei a biblioteca em função de toda essa experiência que eu tive aqui na *Mário*. Eu pensei a biblioteca como um lugar extraordinário onde você tem o acesso à cultura, à produção da cultura e à difusão. Então você podia pensar, portanto, esses três eixos como aquilo que se passa numa grande biblioteca, como eixos que passam em toda a atividade cultural. E por isso que eu pensei também que essa podia ser uma política de cidadania cultural, pensar a cultura como um direito.

Meu primeiro gesto, antes de ser secretária, foi vir à *Mário de Andrade*. Conversei, levei um susto com as narrativas que me tinham sido feitas, mas ouvi os sonhos, os projetos, os desejos que havia. Eu cheguei em casa e pensei: eu não vou conseguir, não vai dar. Depois, como secretária eu vim, daí elas me mostraram e eu entrei em pânico. Eu não me conformei com o que eu vi, porque a biblioteca estava fisicamente destruída, tanto ela como as outras tinham um acervo que estava defasado em dez anos. Houve interrupções de jornais, de revistas, porque o prefeito se desentendeu com os jornais e as revistas e impediu. É uma coisa inacreditável que isso possa acontecer. As condições físicas, a situação dos livros, o cupim, a broca, a goteira, o sol, os vidros quebrados, as portas que não funcionam, tudo era uma verdadeira tragédia. No caso da *Mário* nós fizemos um projeto especial para ela, houve um projeto geral nas bibliotecas e um projeto especial para ela. A minha idéia, o meu sonho era o que vocês tinham também, era de refazê-la como a grande biblioteca pública da cidade, nos moldes das grandes bibliotecas públicas dos grandes países, dos grandes centros culturais.

A *Mário* tinha uma revista que não era mais publicada, ela tinha boletins que não eram mais publicados, havia um projeto inicial de informatização que não havia sido executado, enfim, havia idéias e destroços.

LN: E a senhora fez uma exposição itinerante, lembra?, registrando tudo que ia encontrando.

MC: Fiz uma exposição chamada *Ruínas e Esperanças* em que eu fotografei a Secretaria, O Centro Cultural, tudo o que encontrei, e as esperanças eram os programas que os funcionários tinham, que a equipe que eu trouxe comigo também



tinha e os meus próprios sonhos. Nós chegamos à conclusão – não é, Lúcia? – que, no final, quatro anos não eram nada, que a tarefa é gigantesca e que você corre o risco de perder tudo aquilo; que o que nós levamos quatro anos de luta fazendo podia acabar.

LN: E com muita discussão, com muita abertura, com muita chance para que todos se manifestassem. Foi muito bom trabalhar naquela época, aqui. Muito bom.

MC: Eu me lembro, no começo quando fiz as primeiras reuniões, os primeiros encontros, as primeiras assembléias e que eu ouvia, vindas de diferentes pontos, as histórias, as esperanças, as frustrações, os limites. Eu me dizia que talvez a gente não conseguisse fazer nada, que seria muito pouco. Mas o que as pessoas trabalharam! Meu Deus, que dedicação!, que coisa!

LN: Nós vestimos realmente a camisa, porque a senhora também trabalhava muito. Então, quando havia reuniões, lembra? Até meia-noite, uma da manhã, então chama pizza. E a gente trabalhando, trabalhando...

MC: A lembrança que eu tenho desses quatro anos, no meu caso, era de ter trabalhado quase 24 horas por dia, 365 dias por ano, durante quatro anos. Eu tenho as agendas. Elas começavam às sete da manhã e terminavam uma, duas da manhã. Hoje, vendo as agendas, eu me pergunto: “Gente do céu, como era possível?”

MC: A senhora se afastou da Faculdade naquele período?

MC: Logo no começo, a boba aqui, ingênua, eu achei que dava para manter, compatibilizar. Curso de graduação, não, porque são classes muito grandes. Mas eu mantive o curso de pós-graduação e a orientação por uns três, quatro meses. Depois eu pedi água, não era mais possível, não há condição de fazer as duas coisas. O que eu fazia, e isso também era muito louco, eu tinha muitos orientandos de mestrado e de doutorado, então uma vez por mês eu me reunia com eles lá na



sede da secretaria. Eles vinham, faziam a discussão em grupo, liam em voz alta para mim o andamento dos trabalhos, eu corrigia, fazia sugestões, mas isso eu mantive, a orientação eu mantive, durante os quatro anos. Acho que foi aos trancos e barrancos, acho que prejudiquei muitos alunos. Eles dizem que não, mas eu acho que sim. Mas não dava para fazer mais nada. E, particularmente, porque, além de nós termos trazido projetos novos e, dos que aqui estavam, terem os seus projetos e seus programas e, portanto, nós tivemos que fazer muita inovação. E de toda a situação física da Secretaria de Cultura que precisou de reforma de cabo a rabo. Em tudo havia o fato também de que esta cidade é gigantesca. Então eu me lembro de estar aqui na *Mário*, porque ia chegar o tubo do ar condicionado de não sei o quê. Só que, digamos que eram nove horas da manhã e eu estava aqui vendo isso; mas, às 11 horas, eu tinha que estar no Itaim Paulista porque nós estávamos criando uma biblioteca lá, perto de um conjunto habitacional. Ora, para ir daqui à biblioteca do Itaim Paulista levava duas horas. Então também tem isso: o gigantismo da cidade e o fato de que era preciso e as pessoas queriam a presença do gabinete da secretária. Elas sentiam que era necessário, não só durante a discussão dos projetos, mas no momento sobretudo em que eles eram implantados. Então nós íamos.

Agora, no caso da *Mário*, eu não me conformo com o que eu vi hoje. Eu não me conformo, porque, quando eu fui embora, eu pensei: “Bom, as coisas mais difíceis, mais complicadas de infra-estrutura foram resolvidas, não estava nada terminado, concluído, mas estava resolvido, sobretudo nós tínhamos passado pelas licitações intermináveis, as coisas estavam instaladas, os livros tinham chegado, o auditório estava pronto para a retomada, e cursos, o centro de convivência, com as exposições de pintura, o café, o último andar. Há coisas que eram muito complicadas porque elas estavam ligadas a questões de infra-estrutura e a questões institucionais, umas estavam feitas, outras encaminhadas e as meninas lá vão conseguir impedir que a coisa retroceda.”, mas o que eu vi hoje...

DP: O que mais aqui chocou hoje? Eu gostaria de retomar um pouco com a senhora. O que lá naquele momento, em relação ao levantamento que a senhora fez, com os funcionários, em relação às queixas, aos sonhos, às esperanças, o



quanto isso serviu de subsídio para essas ações que foram empunhadas durante a sua gestão?

MC: As ações foram feitas a partir do que as bibliotecárias propuseram: os programas, os projetos, não saiu nada da minha cabeça. Eu trabalhei a partir da experiência e dos projetos que elas tinham. Muitas vezes o que eu fiz foi ampliar um, cortar outros, fazer sugestões, mas era a partir daqui mesmo, sobretudo no caso da *Mário*.

LN: A senhora criou uma comissão de reformulação da Biblioteca, instituída em Diário Oficial. A Edéia Fenelon fazia parte, tinha a Edna, o Percy, e o trabalho, aquele primeiro trabalho do Percy, da Edna, com relação a restauro, custódia... A gente discutiu muito aquilo.

MC: A idéia era pensar a *Mário* sob três grandes perspectivas, primeiro como biblioteca pública no sentido grande da palavra, como vinculada à memória e, portanto, ao Patrimônio Histórico e como um centro de produção cultural. Na qualidade de grande biblioteca pública, ela tinha que incluir a idéia da custódia, o fato, portanto, de que ela deveria receber toda a produção editorial, senão do país, pelo menos do Estado de São Paulo e da cidade. Todo o desenvolvimento do setor de recuperação, de revitalização e de modernização. Modernização dela, não só de atualização do acervo, mas de acesso ao acervo. Como um centro de estímulo cultural, estava ligada a toda parte referente à Pinacoteca. Na modernização estava incluída a informatização e depois a recuperação física do edifício e a ampliação porque o número de leitores que ela podia receber era muito pequeno. A idéia era de ampliação das salas de leitura, a retomada e ampliação das cabines de pesquisa. Mas, enfim, todas essas idéias vieram a partir dessa comissão que foi formada.

Foi formada uma comissão com os membros da *Mário*, a direção das bibliotecas pública, o DPH⁴, o gabinete da secretária, e a minha função foi seguir as diretrizes e os programas que esta comissão traçou. Era uma comissão que

⁴ DPH: Departamento do Patrimônio Histórico



trabalhou poderosamente durante muito tempo, não só até chegar ao projeto, mas acompanhou tudo o que foi feito.

Um outro ponto também que preocupava a direção da *Mário* e a mim também, era algo semelhante como o que havia com relação ao Teatro Municipal e com relação ao Centro Cultural São Paulo. Ou seja, há na Secretaria da Cultura algumas instituições que têm um porte, uma história e uma dinâmica que é bloqueada pelo seu modo de inserção na instituição pública da Secretaria. Então houve debates sobre a autonomia dessas instituições, a autonomia do Teatro Municipal, da *Mário* e do Centro Cultural São Paulo. Nós chegamos a pensar na autonomia da Casa da Memória Paulistana, criada pelo DPH. Nós discutimos muito. Eu discuti muito primeiro com o Hélio Bicudo, depois com o Dalmo Dallari, que eram os secretários de negócios jurídicos. Depois discuti com o José Eduardo Martins Cardoso sobre o estatuto das fundações. É uma limitação dantesca, infernal, a que estas grandes instituições estão submetidas, com o funcionamento segundo a rotina da prefeitura. Quando você pensa em submeter um pianista, um bailarino, um pintor, um escultor ou um escritor ao mesmo processo de licitação da compra de tijolo e papel higiênico, pelo amor de Deus, não é possível! Muitas outras coisas poderiam fluir com muito mais presteza, agilidade, inteligência se essas instituições ganhassem autonomia.

Nós pensamos muito na questão das fundações que durante a minha gestão não se concretizaram. Eu imaginei que na gestão seguinte do Paulo Maluf, com o Rodolfo Konder, que essa idéia fosse progredir porque é uma idéia que é simpática aos que têm muita crítica ao que é público. Mas eu acho que pelo fato de serem fundações públicas, elas não interessaram.

LN: Eu posso lhe dar uma pequena contribuição com relação à hemeroteca municipal porque a hemeroteca municipal, justamente, a idéia saiu da comissão de reformulação da *Mário de Andrade*. Como eu permaneci, eu levei essa idéia para o secretário de cultura e ele formou uma comissão para a criação dessa hemeroteca. Nós chegamos a um consenso e encaminhamos um documento, mas foi barrado na Câmara e não andou. Mas realmente havia uma simpatia.

MC: Eu achei que houvesse.



LN: Mas da hemeroteca municipal nós não obtivemos o sucesso que esperávamos porque era outro o problema, não é, secretária? As revistas, os livros didáticos, toda a rede, enfim...

MC: Eu fui chamada por um dos juízes do Tribunal de Contas do Município que quis saber primeiro por que cinco milhões de dólares em livros, se a cidade precisava disso; depois, por que livros estrangeiros, por que eu não tinha comprado “similar nacional”, essa foi a expressão que ele usou.

DP: Como a senhora respondeu diante de uma pergunta obscena dessa?

MC: Eu disse para ele o seguinte: primeiro expliquei o porquê da compra, o que é uma biblioteca, o que é a rede de bibliotecas, o que é o direito ao conhecimento, à informação e ao saber. Depois dessa explicação mais genérica, eu disse a ele o seguinte: “Quando o senhor me apontar os similares nacionais de Platão, Aristóteles, Marcel Proust, James Joyce eu compro, sem nenhum problema, por enquanto não tem, então ainda temos que comprar as obras deles, apesar deles serem estrangeiros”. Fora as coisas na Câmara Municipal de São Paulo, meu Deus do céu!

DP: Mas esse investimento chama a atenção até hoje, no bom sentido, de priorizar uma compra tão grande, um montante tão grande de livros. Como é que foi a reação da corporação, dos servidores municipais, da sociedade civil diante dessa opção política que foi feita?

MC: Foi absolutamente positiva, foi uma das únicas coisas unânimes que eu vi na cidade. Todos os funcionários estiveram de acordo, todas as bibliotecas estiveram de acordo, a prefeitura esteve de acordo e a opinião pública, através da mídia, esteve de acordo. Isso foi notícia nos jornais, nas televisões. Então houve por parte do poder público e da sociedade uma aceitação plena. Na área das bibliotecas muita coisa foi muito bem recebida pela população: o ônibus-biblioteca, a ampliação da



caixa-estante, o aumento do número de bibliotecas, o aumento do acervo, as reformas, as ampliações, a reforma da *Mário*; sobretudo os intelectuais, os professores, os artistas, todos se manifestaram porque isso é a referência de nós todos. Foi muito bem aceito.

DP: A senhora então considera que no campo das bibliotecas talvez essa política da cidadania cultural tenha se realizado de uma forma mais cristalina, nesse sentido de ter...

MC: Eu penso que sim. Eu acho que nas bibliotecas e nas casas de cultura mais do que em outros setores da secretaria. Não que essa política não tenha se realizado, mas a percepção dela não foi tão clara pela população, pela sociedade. Há um dado que é muito significativo: quando nós fizemos as primeiras discussões com a população e recolhemos as demandas, reivindicações, as demandas e as reivindicações eram por centros culturais e edificações culturais. A população queria a presença física da secretaria com edifícios culturais. Era muito complicado explicar os problemas: você precisa ter terrenos, verba, tem a licitação. Depois nós fomos fazendo as ações culturais de cidadania cultural.

Havia nas discussões de orçamento muito debate, muito conflito entre o centro e a periferia, depois, no interior da periferia. O conflito era em termos dos equipamentos culturais, mas também dos programas culturais. Mas nós fomos desenvolvendo as ações. Na discussão do orçamento de 1992 para 1993 aconteceu uma coisa impressionante: primeiro a participação porque a gente ia para as discussões de orçamento e quando elas eram aqui no centro, o pessoal do teatro vinha, tinha sempre um conjunto e os representantes dos movimentos culturais da periferia. Mas quando eu ia à periferia, as discussões eram feitas por blocos. Então ia o secretário da habitação, o secretário da saúde, o secretário da educação e a secretária da cultura para discussão do orçamento. E, para discutir a cultura havia três, quatro pessoas e uma multidão para discutir as outras coisas. Em 1992, primeiro, nas discussões, na própria secretaria, nós tivemos que arranjar outros espaços pela quantidade de gente que veio. Depois houve discussão nos equipamentos, nas bibliotecas, nas casas de cultura, com muita gente. E depois,



quando eu fui para as discussões mais gerais, predominava o pessoal da cultura. Ninguém pediu edifícios mais. Era a percepção do que é uma ação cultural, do que é um programa cultural e de como você pode fazer isso nos espaços mais incríveis, os mais heterogêneos, os mais criativos. Então, eu acho que, desse ponto de vista, a idéia pegou. Agora, que durabilidade ela teve eu não sei porque eu fui para casa e fechei as portas e janelas e disse: “Eu não quero saber o que vai acontecer porque eu posso até me matar com a possibilidade da destruição de um trabalho tão profundo que todos fizeram”. Então, eu me fechei em copas. E é por isso que hoje, quando o diretor me mostrou a *Mário*, ah meu Deus do céu, que desânimo! Que tristeza! Que tristeza ver!

DP: Professora, tem alguns lindos projetos que foram desenvolvidos e relacionados... enfim, a magnitude das ações é tão grande, que é impossível a gente dar conta em um, dois, três, quatro, cinco depoimentos. Então a gente tentou privilegiar um pouco questões que estejam diretamente relacionadas à Biblioteca, ao universo das bibliotecas e a este momento emblemático que a gente está vivendo e que é muito similar, para o bem e para o mal, ao momento que a senhora viveu aqui, de revitalização do prédio, de reeditar a revista que esperamos que mantenha periodicidade, construir documentos como este que estamos fazendo justamente para deixar um legado, porque, enfim, estejamos ou não aqui, que as pessoas continuem a ter a percepção da vitalidade desta instituição. Um projeto que nos chama muito a atenção é o programa de formação de intermediadores de leitura que é maravilhoso. Eu gostaria que a senhora falasse um pouquinho desse projeto, como é que foi a experiência, quem vivenciou parece que foi...

MC: A idéia dos mediadores de leitura foi elaborada a partir de algumas experiências fragmentadas que havia nas bibliotecas e, vamos dizer, a preparação para a realização do projeto foi feita a partir de um grupo de professores de literatura da USP e da UNICAMP⁵: Antonio Candido, Akira, Walnice, Ligia Chiappini, Flávio Aguiar. Houve um trabalho muito lindo chamado *Leitor Infinito* sobre o ato de ler e

⁵ UNICAMP: Universidade Estadual de Campinas



escrever, e sobre o significado do livro, com as equipes que iam trabalhar nas bibliotecas. Depois o projeto entrou em operação nas bibliotecas.

Das realizações, eu acho que há uma das que mais me fala ao coração que é uma experiência que foi feita com um conjunto de trabalhadores da periferia, analfabetos. O trabalho era o de fazer a leitura oral e eles iam discutindo o livro. Eles escolheram – a maioria era de migrantes nordestinos – então eles escolheram Graciliano Ramos. E à medida que *Vidas Secas* ia sendo lida, eles iam acrescentando, eles iam refazendo, construindo e reconstruindo *Vidas Secas* a partir da sua própria experiência e da compreensão do livro. Quando chegou ao final, um grupo disse que queria aprender a ler e a escrever, e que eles queriam escrever um livro. Disso aí nasceu a oficina literária, oficina de escrita e o início da escrita por eles mesmos. Se a secretaria não tivesse feito nada e não tivesse acertado em nada e isso tivesse acontecido, para mim...

E as outras histórias? A quantidade de histórias extraordinárias que eram contadas e depois me foram contadas nas bibliotecas, com as crianças, com os pais das crianças, com os estudantes, com gente que dizia que a vida tinha mudado por causa de uma experiência com os mediadores de leitura! Então isso é uma coisa muito profunda.

Quando a gente acha que as bibliotecas talvez foram o espaço onde melhor a idéia de cidadania cultural se realizou, foi por isso, por que as pessoas se sentiram, não só dotadas do direito do acesso, mas elas se sentiram investidas do direito de produzir, de criar também. Esse trabalho eu acho que foram, sobretudo, as bibliotecas que fizeram.

A idéia que a gente desenvolveu foi a da biblioteca do cidadão e, portanto, privilegiar a biblioteca como espaço da leitura. Não que ela não abrigasse outras coisas, mas que ela abrigasse tudo que fosse complementar à leitura e não uma dispersão. Havia uma dispersão muito grande das atividades, sobretudo nas bibliotecas dos bairros e tudo.

DP: E o resultado nas bibliotecas de bairro, por exemplo, foi quantificável? Foi perceptível a diferença da relação?



MC: Foi. Não só o aumento da freqüência, a qualidade da demanda a partir da mudança do acervo foi perceptível, isso todas as diretoras de bibliotecas, tanto das infanto-juvenis quanto as de bibliotecas públicas, enfatizavam muito isso.

LN: Eu ia justamente perguntar qual foi a lembrança mais grata, mais querida, que a senhora guarda de sua gestão?

MC: É esta: a dos mediadores de leitura. E há mais uma que me fala muito também... Nós criamos uma casa de cultura em um parque em frente à Cohab Tiradentes. No começo todo mundo dizia: “Isso é uma loucura. Não vai sobrar nada dentro da casa. Vão depredar tudo. Uma loucura fazer isso na Cohab Tiradentes, imagina!”. Mas nós teimamos e fizemos. Havia oficinas de leitura, oficinas de teatro, enfim, havia o que as casas de cultura fazem. Mas, na parte da tarde, a casa ficava sem muita gente. As crianças iam pra escola, os estudantes também, os artistas viriam à noite. Ela ficava meio vazia e as mães de família lá da Cohab vieram chegando. No começo elas vieram para as crianças usarem o parque. Aí elas foram convidadas a entrar, elas entraram, e aí elas se acostumaram a se reunir ali, conversar, trocar idéias. A pessoa que dirigia a casa disse para elas: “O que vocês têm em comum que vocês conversam tanto?”. Aí elas disseram que elas lembravam das comidas que elas faziam e das coisas que não havia em São Paulo e que elas tinham. Então foi proposto a elas que elas fizessem uma horta. Elas mandaram vir das suas regiões de origem tudo, e elas fizeram a horta. Aí construímos fogão de lenha, forno e elas passaram a cozinhar e a trocar as receitas ali. Havia uma bióloga na casa e ela disse: “Eu sei que vocês usam muitas dessas ervas para fazer remédio em casa, os chás e tudo, por que não vamos discutir isso também?, para fazer cosmético...” Aí elas se interessaram e pediram aulas. Então, nós entramos em contato com a Faculdade Paulista de Medicina, com o setor de farmacologia: “Vocês podiam dar um curso sobre ervas e usos variados das ervas”. Foi uma luta porque o jurídico da Secretaria disse que não podia porque isso não era cultura. Foi uma luta. Muita coisa foi uma luta porque nada era cultura, porque a lei que definia cultura identificava a cultura com as sete artes. Então teve que mudar o decreto que define a cultura.



DP: Mudou, não? Houve a mudança. A prefeita assinou.

MC: Mudou.

DP: Esse é um legado, professora, sem dúvida, concretíssimo.

MC: Aí foi muito engraçado porque nós dissemos o seguinte: “Bom, se não dá para fazer com a Cultura, vamos ver se dá para fazer com a Secretaria de Saúde”. E o jurídico da Secretaria de Saúde disse que não dava por que aquilo era cultura. Então não dava porque para um era da Saúde e para outro era da Cultura. Sem entrar nos detalhes, nos meandros dessa coisa completamente kafkiana, o curso foi montado. Elas vieram e fizeram um curso de farmacologia dado pelos médicos da Faculdade Paulista de Medicina, e a partir daí elas mesmas começaram a trabalhar com as ervas, e elas fizeram remédios, cosméticos, sabão, sabonete. Depois então elas pediram para fazer uma exposição. Daí o pessoal de DPH e o pessoal das artes plásticas foram e fizeram oficinas com elas e elas mesmas montaram uma exposição culinária e uma exposição de farmacopéia... e depois elas disseram que queriam registrar e aí elas tiveram uma oficina literária e elas mesmas escreveram a experiência.

Então, os mediadores de leitura e a Casa de Cultura da Cohab Tiradentes são as que falam mais fundo para o meu coração e para a minha cabeça porque é isso a cidadania cultural.

DP: Professora, uma coisa que também nos chama muito a atenção foi essa capacidade de driblar essa loucura da burocracia que a senhora até define, enfim, a rotina, o silêncio, os pilares dessa administração burocrática. Como a senhora na verdade enfrentou, “peitou”, tendo a tradição que a senhora tem de trabalhos acadêmicos, de vida universitária, com um cotidiano muito diferente e, ao mesmo tempo, o tempo, a disponibilidade para essa escuta. Então eu gostaria que a senhora falasse um pouco. Aí diz respeito a esse momento tão específico, um hiato na sua vida, que foi essa experiência que, na época, a senhora dizia que tinha sido



um sofrimento atroz. Eu gostaria que a senhora, olhando agora, com esse distanciamento temporal, qual foi o saldo, o que ficou.

MC: Quando eu saí da secretaria, eu dizia o seguinte: “Eu tive a experiência metafísica da violência, não existe coisa igual, não sei como os funcionários agüentam, isso me ultrapassa”. Eu dizia também: “Se me perguntarem se eu tenho alguma imagem do inferno eu diria que finalmente eu tenho: é a Secretaria Municipal de Cultura”.

Visto de longe, no tempo, foi uma experiência decisiva para mim. Primeiro porque mudou o meu modo de pensar. Eu fazia um esforço gigantesco enquanto filósofa para estabelecer uma relação entre as idéias e o mundo, então eu procurava as mediações... O que a Secretaria me ensinou é que as idéias estão imersas no mundo e que basta você saber colhê-las que elas dirão para você o que o mundo é. Isso é um aprendizado sem preço. A outra coisa também é o aprendizado político-cultural que eu fiz porque quando eu disse para a Erundina: “Eu não devo, eu não posso”, era verdade, eu era uma ignorante total, uma analfabeta total de tudo. Então, o que eu aprendi foi uma coisa impressionante. Eu aprendi sobre a cidade, eu aprendi com os funcionários, aprendi com a população, aprendi com os artistas. Foi uma aprendizagem sem fim. Eu estava dizendo para a Lúcia e para você, no começo, que eu anotava, eu tenho cadernos e cadernos. Um dia, depois que eu me aposentar, eu vou ver o que faço com esses cadernos.

Foi decisivo. E eu considero que depois da Secretaria eu não penso da mesma maneira, eu não escrevo da mesma maneira, eu não falo da mesma maneira, eu não escuto da mesma maneira, eu não dou aula da mesma maneira, e eu não brigo politicamente da mesma maneira. Foi decisivo para mim. Uma experiência que eu não quero ter nunca mais.

DP: A senhora está registrando aqui conosco. Somos testemunhas oculares.

MC: Mas... é simples. Toda a descrição que eu fiz da *Mário* foi a de um usuário. No momento em que eu deixo de ser usuário... Eu me lembro que na primeira vez que eu vim eu pensei: “Meu Deus, esta é a Biblioteca do Mário de Andrade, a cabeça



cultural desta cidade, deste país. Como é que eu vou ousar entrar nesta Biblioteca pela outra porta?”. Então eu estava muito intimidada, muito receosa. E quando eu vi, quando eu entrei na torre, vi os livros, pus as mãos nas estantes, eu dizia: “Estou sonhando, eu não entrei aqui por esta outra porta”. E aí veio o sentimento de responsabilidade porque eu dizia: “O que veio às minhas mãos é um patrimônio do país, portanto, alguma coisa que eu fizer, eu faço para o patrimônio do país”. Então é muita responsabilidade, é muito grave. E eu me senti muito pequena. Eu passei pela Minerva e disse: “A Minerva é enorme e eu sou muito pequena, talvez eu não dê conta do recado”. Mas era isso o sentimento de ter que me responsabilizar pelo o que acontecesse, do ponto de vista da direção, com um patrimônio desta envergadura. Ao mesmo tempo eu ficava sem fôlego de entrar nos meandros desta Biblioteca de ver esta Biblioteca por dentro, era muito assustador.

DP: E, naquele momento, como administradora, qual era sua grande utopia? Qual era o alvo, a meta durante esses quatro anos? A reforma física é uma das metas, quer dizer, vê-la de uma forma...?

MC: Vê-la pronta e ampliada, bonita, desejada, freqüentada.

DP: E quando a reforma física do prédio se concretizou, como é que foi essa experiência, inclusive, como que a cidade respondeu?

MC: Respondeu de uma maneira extraordinária.

LN: Mil pessoas na festa de reinauguração, mil pessoas. Foi um sucesso. As pessoas choravam muito, todos nós chorávamos.

MC: Eu tinha lágrimas nos olhos. Os mais velhos, aqueles para quem isto aqui fazia parte de sua própria história, choravam.

LN: Foi muito emocionante aquela festa de reinauguração, muito bonita por sinal. E nós trabalhávamos domingo e sábado. E a professora vinha de domingo: “Vocês



estão aqui trabalhando!”. Eu lembro que a senhora chegava com o professor Michael, a sua mãe, e nós trabalhando para inaugurar esta Biblioteca. Mas foi muito bom. Ela sempre nos ouviu muito. Ela iniciou a gestão – esqueceu de dizer – com um debate público onde ela convocou todos os funcionários para o Teatro Municipal e nunca isso havia ocorrido, inclusive a maioria dos funcionários jamais tinha entrado no Teatro Municipal. A senhora lembra desse debate? Eu acho que a gente tinha duas mil pessoas no Teatro Municipal e todos os funcionários, os mais simples, puderam fazer perguntas a ela. Então realmente foi uma experiência absolutamente inovadora. Parabéns!

DP: Professora, acho que a gente vai encerrar. Nós não vamos exauri-la porque a gente gostaria de tê-la outras vezes aqui. Acho que justamente neste momento que a gente pensa e tenta empunhar essa revitalização da Biblioteca, como que a senhora visualiza, apesar de todas as dificuldades, vislumbra e idealiza para esta Biblioteca?

MC: Com enorme alegria, me senti muito reconfortada em saber que o novo diretor tem essa visão da *Mário* e que ela vai ser realmente reerguida, refeita, revitalizada. Então eu saio daqui com o coração disparado e cheia de alegria.

DP: Muito obrigada, eu agradeço em nome da instituição, enormemente, a sua presença.

MC: Obrigada por terem me chamado.

